Direito Grego & Historiografia Jurídica

Herdeiros e demais contribuições que não se será fácil suportá-las[246].

Refletindo o pensamento da época, Xenofonte tinha as mulheres em baixa estima, qualificando ginecofobia econômica, a brincarmos com palavras gregas:

> *Quando uma ovelha passa mal, na maioria das vezes, responsabilizamos o pastor, e, quando um cavalo se comporta mal, falamos mal do cavaleiro. Quanto à mulher, se, instruída pelo marido no que é bom, mesmo assim age mal, seria ela talvez a responsável; mas, sem a instruir no que é belo e bom, se a tratasse como uma ignorante nessas questões, com justiça não seria o marido responsável?*[253]

Xenofonte defende a sobrevivência por meios simples, tirados da terra:

---

[246] ANAOUTOGLOU, Ilias. **Ancient Greek Laws**, p. 57.

[247] CRESPO, Ricardo F. **La noción aristotélica de Oikonomiké**, Revista do Centro de Estudos da Antiguidade Greco-Romana (CEAG) da PUC-SP, n. 4, p. 139 e s.

[248] HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**, p. 517-518.

[249] XENOFONTE. **Econômico**, p. 5.

[250] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 6.

[251] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 7.

[252] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 11.

[253] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 18.

Beneficiados com a agricultura, os cavalos e cães são sua retribuição ao campo, o cavalo levando bem cedo o feitor para sua lida e fazendo que possa voltar tarde, os cães, impedindo que animais selvagens ataquem os frutos e os rebanhos, e ajudando a propiciar segurança aos que estão sozinhos[152].

Ou, ainda:

Com razão alguém disse que a agricultura é mãe e matriz de todas as artes. Estando bem a agricultura, têm vigor também as outras artes, mas, onde a terra for forçada a permanecer exígua, também as outras artes, as da terra e as de mar, quase desaparecem[153].

Também,

Concluímos que, para o homem belo e bom, o melhor trabalho e o melhor saber é a agricultura, da qual os homens obtêm aquilo de que precisam. Este trabalho, penso eu, é o mais fácil de aprender, o mais agradável de ser realizado, torna mais belos e robustos os corpos e ocupa as almas durante tempo mínimo, deixando-as com lazer para cuidarem dos amigos e da cidade[154].

Xenofonte insiste na fragilidade feminina[155], posição que a contemporaneidade repudia:

Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, penso eu, por ser-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa. E, sabendo que dentro da mulher colocara o alimento dos recém-nascidos e lhe impusera o encargo de nutri-los, deu-lhe também uma porção maior do amor pelas crianças que ao homem[156].

A tradição grega parece seccionar espaços, reservando ao homem a rua, a ágora, o ar livre, a praça, vinculando a mulher ao interno, à casa, ao lar, dicotomia que será desconstruída pela revolução industrial, que levará homens, mulheres e crianças para o espaço de trabalho. Segundo Xenofonte:

Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora[157].

Xenofonte compara a arrumação da vida laboral com a ordem no espaço doméstico, ratificando a utilização do termo economia:

Como é bom que o conjunto de utensílios fique em ordem e como é fácil encontrar na casa um espaço para acomodá-los como convém [...]. Quão

[152] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 27.

[153] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 28.

[154] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 31.

[155] A propósito de uma história das mulheres, conferir Rachel Soihet, História das Mulheres, de Ciro Flamarion CARDOSO e Ronaldo Vainfas, **Domínios da História**, p. 297 e s.

[156] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 38.

[157] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 39.

belo nos parece o que vemos, quando as sandálias, sejam quais forem, estão dispostas em fileiras! Quão belo é ver túnicas, sejam quais forem, mantidas separadas, ou tapetes ou objetos de bronze ou guarnições de mesa! Afirmo ainda – e disso riri, não o homem austero, mas o pedante – que até ganular parecem algo harmonioso quando arrumadas com bom gosto![158]

Xenofonte traduz pedantismo, elitismo, ao apreciar a escolha de uma governanta, como a desconstruir aquela conduta que a tradição ocidental insiste em decalcar no modo de ser ático:

Fizemos governante aquela que nos parecia mais moderada no comer e no beber vinho, no sono e nas relações com homens e, além disso, previdente para cuidar que nada de mau acontecesse em nossa casa, capaz também de ver que, agradando-nos, de nós receberia recompensa[159].

Enquanto manifestação de infraestrutura do mundo grego (e portanto determinadora de formações ideológicas), a economia ática é vinculada às atividades comerciais, por causa da aridez do solo, do relevo acidentado, da proximidade com o mar, da multiplicidade das baías naturais. A indústria ainda tinha cunho doméstico. Praticava-se a mineração da prata. Certa nostalgia pela agricultura fornecera obras de Hesíodo e de Xenofonte. O grupo ligado ao comércio detinha hegemonia. A presença do Estado, com aspectos burocráticos (bem ao sabor de Max Weber) é verificada no regime alfandegário e no modelo tributário. Empréstimos informam operações de crédito, com prática de juros, usura, cobrando-se mesmo de amigos, humilhando-se o devedor inadimplente por meio da "aponia". Devedores do Estado tinham os bens confiscados, e assim nos indica a leitura de alguns discursos jurídicos. Tal economia assentava-se sobre o trabalho escravo e sobre a submissão das mulheres, como se verá agora, nessa insuspeita trajetória de se ler criticamente a democracia ateniense, desconstruindo-se mitos outorgados pela tradição ocidental.

A escravidão que os gregos conheceram[160] explicita contradição com modernos normativas hodiernas. Vilipendia direitos à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade. Arrosta direitos sociais e políticos. Afasta-se da dignidade humana, princípio fundamental da tradição ocidental em sua feição contemporânea. A escravidão helênica nega o núcleo básico dos ordenamentos jurídicos dos dias de hoje. Porque recrutada entre estrangeiros também, a escravidão implementava preconceito de raça e cor, e não resistiria a normas nossas, a exemplo da Lei Federal 7.716, de 05.01.1989, com nova redação dada pela Lei 9.459, de 13.05.1997. Já a discriminação que os espartanos tinham para com os deficientes físicos, que eram atirados no rio quando nasciam, seria repudiada pelo conteúdo normativo da Lei Federal 7.853, de 24.10.1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência e sua integração social. Em juízo só se admitiam depoimentos obtidos sob tortura, o que obviamente objurgado por nossa Lei Federal 9.455, de 07.04.1997, que dispõe que é atividade criminosa constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental, com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou

[158] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 47.

[159] XENOFONTE. *Op. cit.*, p. 50-51.

[160] HUNT, Peter Phillips. Defesa Deferendível da Escravidão em Aristóteles, **Revista do Instituto de Estudos da Antigüidade Greco-Romana (Cesg)** da PUC-SP n. 7, p. 70 e s.

que, ao ser libertado da prisão de Spandau, dissera que fora responsável por seu próprio departamento, faltando-lhe a visão de conjunto. Ste. Croix não pretendia utilizar-se dessa metodologia acrítica, que o obrigaria a separar o mundo antigo de seu próprio tempo[148]. G.E.M. de Ste. Croix imputa às sociedades escravocratas características muito peculiares, desconhecidas das unidades humanas onde não há trabalho escravo:

> *Eu sugiro que tal sociedade [escravocrata], onde a escravidão em sentido estrito é onipresente na psicologia de todas as classes, é algo muito diferente daquela na qual a propriedade escrava é desconhecida ou não é importante, mesmo se a servidão proporciona às classes proprietárias muito do excedente*[149].

G. E. M. de Ste. Croix indica que a escravidão qualifica a mais importante diferença organizacional entre as economias antiga e moderna[150], tornando-a como ponto de partida para o estudo da civilização helênica. Tem a escravidão como traço essencial, ao contrário de Glotz que a mitiga e de Fustel de Coulanges que a justifica. G. E. M de Ste. Croix representa tradição marxista na historiografia inglesa (na linha de Erich Hobsbawm, que estudou mais a história contemporânea). Glotz e Coulanges patenteiam historiografia comprometida com ideologia imperialista continental, num tempo em que o Ocidente reconstruía o Oriente. A Grécia era a porta de entrada, mística e geograficamente. Percebe-se que a escravidão presta-se a alicerçar conjecturas de enfoque sociológico, com fundamentos do direito, justificando-se a presente proposta que, no atual estágio, pretende visualizar antinomia entre escravidão e direitos humanos. Com o mesmo objetivo, analisa-se, em seguida, a condição da mulher da Grécia antiga. É o último passo, nessa avaliação do ambiente econômico e social, no mundo helênico, com os claros e indisfarçáveis propósitos de denunciar-se o romantismo utilizado na construção do legado grego.

Primeira leitura sugere mulheres fortes, dominantes, donas da mais absoluta liderança. Teríamos Aspásia (na vida real), Medéia, Lisístrata e Antígona (na ficção teatral). Falar-se-á sobre elas, à guisa de ilustração. Simetizam exceções, fatos isolados, ensaios de igualdade num mundo de homens, que negaram às mulheres a mais variada gama de direitos. As mulheres não participavam da política, atividade que os gregos mais teriam prezado.

Aspásia, famosa cortesã, vivera com Péricles, líder ateniense, no século V a.C.[151]. O matrimônio fora dificultado pela proibição do casamento entre atenienses e alguns estrangeiros. Segundo Mário Attilio Levi, biógrafo de Péricles:

> *Depois de um casamento mal sucedido e que acabou em divórcio, ele se unia a Aspásia, mulher de grande cultura e elevada educação, natural de Samos, a quem não podia desposar porque os matrimônios com mulheres*

[148] STE. CROIX, G. E. M. de. **The Class Struggle in the Ancient Greek World**. p. XI.

[149] STE. CROIX, G. E. M. de. *Op. cit.*, p. 173. Tradução livre do autor: *I suggest that such a society, where slavery is the psychology of all classes, is something very different from one in which slavery proper is unknown or unimportant, even if it is surplus which then provides the propertied class with much of its surplus.*

[150] STE. CROIX, G. E. M. de. *Op. cit.*, p. 179. Tradução livre do autor: *I have already pointed out that the single most important organizational difference between the ancient economy and that of modern world is that in antiquity the propertied class derived its surplus mainly from unfree labour (especially that of slaves) (...).*

[151] HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. p. 368.

> *daquelo filho não eriam entre os que eram consentidos entre atenienses e estrangeiros*[152].

O biógrafo de Péricles, a propósito de Aspásia, traça características da difícil vida das mulheres de Atenas[153]:

> *A moral ainda corrente na Atenas do século V não tornava agradável a vida da mulher no casamento, pelo menos entre as camadas elevadas. A mulher dessa condição não recebia a mesma educação que era ministrada ao marido e, enquanto a mulher do povo não guardava distâncias em relação a seu cônjuge e participava de suas atividades, a da aristocracia [sofria] de viver no gineceu, isolada dos homens da casa, e pouco sabido*[154].

Historiografia tradicional sempre reservou a Aspásia posição incômoda. Em que pese dona de beleza, de dotes de altura, de inteligência, Aspásia é a "outra", a "hetaira", a "cortesã". Ainda segundo Mário Attilio Levi:

> *Aspásia era de Mileto, filha de Axíoco, e tinha a educação e os costumes das mulheres da cidade de Jônia, onde a condição feminina era bastante diferente da das atenienses. O lugar de nascimento e o de origem fazem compreender facilmente o motivo pelo qual se pensava, nos anos em que Péricles detinha um poder absoluto em Atenas, que aquela mulher estrangeira e diferente das locais, e por uns vista com desconfiança e até com inveja, teria influenciado Péricles a favor de sua cidade natal*[155].

Aspásia representa exceção na história grega. Seu nome chega até nós pela vida em comum com Péricles, que eclipsou a política ateniense na época clássica. Trato agora de Medéia, Lisístrata e Antígona[156]. Evidenciadas em peças teatrais, necessário antes sucinta abordagem sobre o teatro grego. O teatro grego era espaço político, orientado para a formação cívica, com papel ideológico próximo ao dos espetáculos contemporâneos de massa, como o cinema. Possibilitava ambiente de catarse coletiva. Ria-se com as comédias, e rindo castigam-se os costumes. Chorava-se com as tragédias; e a dor alheia diminuía a dor de cada um. Concebido originariamente para apresentação de coros em homenagem a Dionísio (deus do vinho e das festas, chamado de Baco pelos romanos),

> *(...) seu centro era a* **orkhestra** *(lugar de dançar), um espaço circular no meio do qual estava o* **thymele** *ou altar do deus. Em volta de mais da metade da* **orkhestra**, *formando uma espécie de ferradura, ficava o* **théatron** *(lugar de ver) propriamente dito, composto de arquibancadas circulares, geralmente escavadas na encosta de uma colina rochosa, e mais tarde feitas de pedra ou mármore. Por trás da* **orkhestra** *e defronte dos espectadores havia a* **skene**, *a princípio uma estrutura de madeira representando uma fachada com três portas, através das quais (...) os atores entravam em cena*[157].

[152] LEVI, Mário Attilio. **Péricles**. p. 14.

[153] A complexa noção de "mulheres de Atenas" invoca famosa canção de Chico Buarque de Holanda. Tal canção na realidade é referência às mulheres de Esparta, dadas as espécies de vida militar que a música contém. O compositor brasileiro usava-se de metáfora, [illegible] para criticar o regime militar em que estão vivíamos.

[154] Mário Attilio. *Op. cit.*, p. 228.

[155] Mário Attilio. *Op. cit.*, *loc. cit.*

[156] Consulta a leitura de Barbara FREITAG. **Itinerários de Antígona**.

[157] HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. p. 477.

O espaço ocupado pelo teatro lembra um ouvido, e a semelhança caracteriza as qualidades acústicas do ambiente. As mulheres era vedada a representação. Máscaras diferenciavam caracteres, no que toca à idade, ao sexo. Na altura dos lábios as máscaras tinham espécie de corneta, por onde o som passava e era potencializado. É conhecida mais tarde pelo latim "*per sonare*", origem de riquíssima representação semântica, que varia de pessoa a personagem, personalidade. Segundo estudioso do teatro grego:

> *A carcaça da máscara cênica era feita de um conjunto de farrapos estiçados, prensados numa forma, depois cobertos por uma camada de gesso. Sobre essa camada, o pintor era seguido indicava os pormenores do rosto, tez, lábios, sombrancelhas, fina penaca e, às vezes, uma barba postiça completavam a fisionomia*[1146].

De acordo com a helenista francesa Jacqueline de Romilly, "*a tragédia grega é um gênero à parte que não se confunde com nenhuma das formas adotadas pelo teatro moderno*"[1147]. Ainda, segundo a mesma autora, "*(...) a tragédia grega apresentava, uma linguagem altamente acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem*"[1148]. Segundo T.B.L. Webster, "*os gregos eram acostumados a ver as coisas em níveis diferentes, aparência heróica e emoções humanas, a mesma história na tragédia e na comédia*"[1149]. As peças eram escritas para competirem em acirrados festivais, onde

> *A competição entre poetas trágicos era organizada de acordo com regras estritas e complicadas procedimentais (...). Os preparativos começavam um bom tempo antes do festival. Candidatos tinham de submeter um resumo de sua peça ao magistrado, o arconte. O arconte tinha a livre escolha, embora ele devesse justificar sua decisão para interessados. Era obviamente mais fácil para um poeta consagrado ser escolhido, ao invés de um desconhecido, mas parece que idades não eram limites para candidatos: Sófocles e Eurípedes produziram peças quando ainda estavam na casa de seus vinte anos*[1150].

Medéia é tragédia de Eurípedes estreada em 431 a.C. Segundo Albin Lesky:

[1146] NAVARRE, Octave. **Le Théâtre Grec**, p. 187. Tradução livre do autor: *La carcasse de masque servaient était faite d'un assemblage de chiffons étiquetés, pressés dans un moule, puis recouverts d'un crépi de plâtre. Sur ce crépi, le peintre suivit indiquait les détails du visage, nez, lèvres, sourcils. Une perruque et, à l'occasion, une barbe postiche complétaient la physionomie.* Confira Washington de Barros MONTEIROS. **Curso de Direito Civil**, v. 1, p. 55.

[1147] ROMILLY, Jacqueline de. **A Tragédia Grega**, p. 15.

[1148] ROMILLY, Jacqueline de. *Op. cit.*, p. 9.

[1149] WEBSTER, T. B. L. **Art and Literature in Fourth Century Athens**, p. 34. Tradução livre do autor: *The Greeks were accustomed to view things on different levels, heroic appearance and human emotions, the same story in tragedy and in comedy.*

[1150] HALDCOCK, Marion. **Greek Tragedy, an Introduction**, p. 13. Tradução livre do autor: *The competition between the tragic poets was organized according to strict rules and complicated procedures (...). Preparation began a long time in advance of the festival. Would-be competitors had to submit an outline of their intended productions to a magistrate, the archon. The archon had a free choice, although he had to be able to justify his decision to interested people. It was clearly easier for an established poet to be selected than an unknown one. There does not seem to have been any age limit for poets: both Sophocles and Euripides produced plays while in their twenties.*

> *Não é fácil encontrar na literatura antiga uma figura tão difícil de apreender na sua diversidade como Eurípedes. Em muitos aspectos, ainda pertence ao apogeu da época clássica, no entanto, começa a divisar-se na sua obra grandiosa homogeneidade que o Pártenon ostenta, bem como a tragédia da maturidade de Sófocles. O 'pathos' do mais ardente patrão encontra-se lado a lado com considerações racionalizantes, alheias à ação, entoam-se cantos aos mesmos deuses que, noutro lugar, vemos relegados para o mundo da fábula, e, de modo generalizado, a inquietude das interrogações é muito maior que a segurança da resposta*[1151].

Medéia é arquétipo da mulher abandonada, humilhada, tomada de fúria, vingativa. Todos os males decorrentes do abandono de seu homem abateram-se sobre ela, que não consegue racionalizar sua circunstância. Medéia é a mulher decaída, rebaixada. Jasão abandona Medéia, dela cansado, preparando-se para casar-se com a filha do rei de Corinto. Segundo Paul Harvey, "*a deserção e a inevitável ação posterior acabo despertaro o lado selvagem de Medéia, e seu rancor é assustador*"[1152]. Medéia mata os filhos que tivera de Jasão, fugindo para Atenas, onde obtivera asilo do rei Egeu. Segundo Mário da Gama Kury, tradutor da peça para o português:

> *A tônica de Medéia é o dilema sobre-humano em que se transformou o amor da heroína por Jasão, quando este a repudiou para casar-se com a filha do rei da região que os acolhera. (...)*[1153]

É uma Medéia desesperada que se despede do marido traidor:

> *Vai logo embora! Estás ansioso por rever a tua nova amante e contar os momentos desperdiçados longe do palácio dela. Corre! Vai consumar depressa o casamento (...)*[1154]

Arrependida, implora pela volta do amado desertor:

> *Imploro, Jasão! Peço-te perdão por tudo que já te disse; deves ser compreensivo em meus momentos de exasperação, depois das provas incríveis de paixão recíproca!*[1155]

Decidida, Medéia faz dos filhos instrumento de vingança:

> *Estou-me forçar para contemplar meus filhos. Sucumbo à minha desventura. Sim, lamento o crime que vou praticar, porém maior do que minha vingança é o poder do ódio, causa de enormes males para nós, mortais!*[1156]

A decisão é irrevogável, adapta-se a concepção de destino que Medéia concebe:

> *Não volto atrás em minhas decisões, amigos; sem perder tempo matarei minhas crianças e fugirei daqui. (...) De qualquer modo eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesma, que os dei à luz, os matarei*[1157].

[1151] LESKY, Albin. **História da Literatura Grega**, p. 391.

[1152] HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**, p. 329.

[1153] KURY, Mário da Gama. **Introdução em Medéia, de Eurípedes**, p. 13.

[1154] EURÍPEDES. **Medéia**, p. 42.

[1155] EURÍPEDES. *Op. cit.*, p. 53.

[1156] EURÍPEDES. *Op. cit.*, p. 62.

[1157] EURÍPEDES. *Op. cit.*, p. 67.

A reação de Jasão centra-se na culpa de Medéia, fazendo com que o ouvinte da peça dilua a atuação pretérita do marido errante:

> *Monstro! Mulher de todos a mais odiada por mim e pelos deuses, pela humanidade! Tiveste a horrível ousadia de matar nas crianças com as tuas mãos, que lhes dizes a vida, e também me atingiste mortalmente ao me privar dos filhos!*[158].

Saudosa dos filhos chora o marido emigrado:

> *Ais! Lábios adoráveis de meus filhos não infelizes! Quero acariciá-los!*[159].

E com a razão da mãe abandonada, conclui Medéia:

> *Hoje lhes falei, quero afagá-los; até pouco nem os procurava*[160].

Medéia simboliza a mulher abandonada que encarna os problemas de todos os homens. A tradição ocidental pretende esquecer-se da traição de Jasão, centrando a tragédia no ato criminoso de Medéia. A obtusa heroína matou os filhos, e por isso o leitor come a incriminá-la. Porém a gênese da catástrofe vincula-se na traição de Jasão, gerador do infortúnio, protagonista intelectual do desastre. Não se trata de defender-se Medéia, cercando-a de todas as possíveis excludentes de criminalidade ou circunstâncias mitigadoras da pena. Muito menos apresada página de vitimologia, fundamentada em Heitor Piedade Júnior, denunciando a vítima, como responsável pelos eventos danosos.

Mas há indefensável relação de causa e efeito. A traição dera início a toda a ira, a comportamento irracional que redundava na morte das crianças, seres elevados à categoria de eternas vítimas, do escárnio bíblico das pragas do Egito, ao não menos evangélico episódio de Herodes[161], à cruzada medieval das crianças, aos massacres da Guerra do Paraguai, denunciados por Júlio Chiavenato. Trata-se de debater a peça como resultado de entendimento de mundo que repete ao machismo vigoroso, o robusto, o forte, o varonil, o valente, o corajoso, o destemido, reservando à mulher o fraco, o raquítico, o tímido, o medroso. Nem que esse medo seja a fórmula da coragem da mulher que matou os filhos. Medéia inaugura galeria de mulheres humilhadas. Nós estamos protegê-las. Os gregos culparam-na pela ousadia do processo. E essa não é a democracia com que sonha a tradição ocidental[162].

Fala-se agora de Lisístrata, ateniense que chefiara greve de sexo, delicioso comédia de Aristófanes, poeta cômico que passara a infância na ilha de Egina. Segundo Mário da Gama Kury, tradutor da peça para o português:

> *Cansadas de uma guerra que já durava 20 anos, as mulheres de Atenas, de Esparta, da Beócia e de Corinto (cidades gregas mais abaixo citadas) pela boca chefiadas pela ateniense Lisístrata, decidiram por fim às hostilidades usando de uma tática pouco ortodoxa: uma greve de sexo.*[163]

[158] EURÍPEDES, *Op. cit.*, p. 71.
[159] EURÍPEDES, *Op. cit.*, p. 75.
[160] EURÍPEDES, *Op. cit.*, *loc. cit.*
[161] Para perspectiva historiográfica do Novo Testamento, conferir Robert H. GUNDRY, **Panorama do Novo Testamento**.
[162] DAHL, Conferir Robert A. **Um Prefácio à Teoria Democrática**.
[163] KURY, Mário da Gama, **Notas sobre a Lisístrata, em Aristófanes, Lisístrata**, p. [illegible]

A peça estreou na primavera de 411 a.C. e traduz a idéia de que as mulheres passariam assumir o poder e forçar a conclusão de uma paz, absorvendo as relações sexuais enquanto a guerra durasse[164]. O enredo insiste na sexualidade como atributo feminino de mais alta importância. O tema é da mais transcendente atualidade, indicando mulheres que choram por maridos e filhos, bravos guerreiros, perdidos em guerras burras. Lisístrata principia a peça lamentando que as mulheres demorassem para aparecer na assembléia convocada para discussão de um plano de ação contra a guerra:

> *Se fosse para uma bacanal ou coisa parecida nem teria sido necessário corrigi-las. Como é para coisa séria, até agora nenhuma mulher apareceu*[165].

Lisístrata categoricamente prevê ato heróico, com o objetivo de salvar a Grécia da guerra, com o auxílio das demais mulheres:

> *Fique certo de que o destino do país está em nossas mãos. Se falharmos a pátria estará perdida, será destruída por nossas lutas fratricidas. Mas se nós, as mulheres, nos unirmos, as mulheres de todas as cidades da Grécia, o país estará salvo*[166].

E insiste, na comicidade e jocosidade que a linguagem da comédia permite:

> *O meio é exatamente esse! Se ficarmos em casa, bem pintadas, com vestidos transparentes, deixando ver certos lugares bem depiladinhos, e quando nossos maridos ficarem para nós, tesudinhos, loucos para nos agarrar, nós não deixarmos, garanto que eles voltarão logo pela paz!*[167]

E continua:

> *Em último caso, vocês deixam, mas de má vontade e sem coopere. Não há prazer nenhum colher quando forçadas. Além disso é preciso fazê-los sofrer. Fique tranqüilo, eles entregarão logo os pontos pois o homem sem mulher não tem prazer em nada*[168].

Discutindo com um comissário, Lisístrata identifica a agressiva maneira como as mulheres eram tratadas, privadas de voz, de opinião:

> *Falo mesmo. No princípio da guerra nós, com a moderação própria das mulheres, suportamos tudo de vocês, homens (como vocês fizeram tolices!), pois vocês não nos deixavam abrir a boca. E vocês não faziam coisa alguma para nos agradar. Nós que conhecíamos vocês muito bem, quando às vezes ficávamos sabendo de resoluções desastradas sobre assuntos importantíssimos, perguntávamos a nossos maridos: 'Que foi que decidiram na assembléia hoje a respeito da paz?', 'Que é que você tem com isso?' dizia meu marido: 'Cale-se!' E eu me calava*[169].

A estratégia de Lisístrata e de suas companheiras fora bem sucedida. Os maridos renunciaram à guerra e voltaram aos lares. Ao meio de efusões gerais, danças, cantos, um político anuncia a paz:

[164] HARVEY, Paul, **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**, p. 307.
[165] ARISTÓFANES, **Lisístrata**, p. 17.
[166] ARISTÓFANES, *Op. cit.*, p. 19.
[167] ARISTÓFANES, *Op. cit.*, p. 25.
[168] ARISTÓFANES, *Op. cit.*, p. 26.
[169] ARISTÓFANES, *Op. cit.*, p. 44.

Espartanos, agarrem suas mulheres! Atenienses, segurem as suas! Ínus! Os maridos perto das mulheres, as mulheres grudadas nos maridos. Depois de festejar esse fim feliz com danças em honra aos deuses, tratemos de evitar no futuro os mesmos erros que nos deixaram por tanto tempo sem... paz![170]

As entrelinhas da peça permitem que o leitor moderno identifique o mulher no cenário helênico. A medida encabeçada por Lisistrata, extrema, comprova posição submissa. A mulher seria vedado o direito de opinião, reservado aos homens da cidade. Como adverte Claude Mossé, o termo "cidadã" deve ser usado com prudência: identifica apenas a mãe, mulher, filha, irmão do cidadão ateniense e nada mais[171]. Não há como falarmos da mulher ateniense usufruindo direitos reservados aos homens. Nesse sentido, segundo Michael Grant, a comédia de Aristófanes é peça de protesto[172]. Ainda, segundo o mesmo estudioso:

Na vida pública elas [as mulheres] não desempenharam nenhum papel. (...) Nas cidades-estado em geral as mulheres nunca detiveram cidadania, nunca ocuparam postos, e não participaram abertamente de atividades políticas, como em todas as outras civilizações, desde o início dos tempos[173].

O comportamento grego destoa de modernas tendências de eliminação de discriminação contra a mulher, esforço que mais obstáculos encontra para implementar direitos humanos em igualdade de condições[174]. A mulher grega era discriminada. O universo feminino ático pode também ser descortinado em Antígona, conhecida peça de Sófocles, apropriada pelos saberes jurídicos, para efeitos de exemplificação de direito natural. Sófocles nascera em Colonos, perto de Atenas. Vivera em Atenas na época de Péricles, no século V a.C., momento de riqueza e de esplendor. Orienta suas obras em torno do eixo temático de Édipo, o herói que matara o pai e casara-se com a própria mãe. Antígona era a filha incestuosa de Édipo, nascida do ventre da infeliz Jocasta. Paul Harvey, em obra de referência de literatura clássica resume a peça dramática de Antígona:

Creonte, rei de Tebas, havia proibido sob pena de morte para os desobedientes o sepultamento do cadáver de Polinices. Antígona resolve desafiar o edito ultrajante e realiza os ritos fúnebres do irmão. Surpreendida no ato, ela é levada à presença do rei enfurecido. Antígona justifica seu procedimento como sendo ditado pelas leis soberanas do deuses. Creonte irritadíssimo, condena-a a ser sepultada viva em uma caverna subterrânea[175].

[170] ARISTÓFANES. *Op. cit.*, p. 75.

[171] MOSSÉ, Claude. **La vita quotidiana della donna nella Grecia antiga.** p. 50. Na versão italiana: In effetti, il termine di "cittadina", sebbene esista, va usato con prudenza.

[172] GRANT, Michael. **The Classical Greeks.** p. 131.

[173] GRANT, Michael. **The Classical Greeks.** p. 279. Tradução livre do autor: *In public life they played virtually no role. (...) Yet in the city-states in general women never possessed citizenship, never held office, and took no overt part in political activities, just as in all other civilizations since the beginning of time.*

[174] WEIS, Carlos. **Direitos Humanos Contemporâneos.** p. 83.

[175] HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica.** p. 42.

Antígona desafiou concepção positivista de norma, invocando regras transcendentais como justificativa para atitude de desafio. Sua ação deve ser avaliada num contexto onde à mulher não era deferido o uso da lei, pelo que desprovida de direitos. Nesse sentido,

Mas o que entendemos por contexto? Em que plano da realidade o situaremos? Como veremos suas relações com o texto? Trata-se, em nossa opinião, de um contexto mental, de um universo humano de significações que é, conseqüentemente, homólogo do próprio texto ao qual nos referimos: conjunto de instrumentos verbais e intelectuais, categorias de pensamento, tipos de raciocínios, sistemas de representações de crenças, de valores, formas de sensibilidade, modalidade de ação e de agente[176].

Num ambiente de poder masculino, mundo de homens, conforme observou H.D.F. Kitto,

É inevitável que Antígona deveria desaparecer, mas não é inevitável que tão pouco deveria ser dito sobre sua morte (...)[177].

Ismênio, irmã de Antígona, realisticamente adverte a heroína de que a condição feminina as diminui:

Convém não esquecer ainda que somos mulheres, e, como tais, não podemos lutar contra homens; e, também, que estamos submetidas a outros, mais poderosos, e que nos é forçoso obedecer a suas ordens, por muito dolorosas que nos sejam[178].

O Coro, que expressa a opinião pública, admite desigualdades, que em nada diminuiriam o gênero humano. Utiliza-se a palavra "homem" como designativa de humanidade, em impressionante passo antropocêntrico:

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas o maior é o homem[179].

Textos de filosofia do direito tomam partido de Antígona, na luta da heroína contra o aparente radicalismo do rei Creonte. Porém um dos irmãos de Antígona fora privado de sepultura porque traíra a cidade, lutando ao lado inimigo. Justifica-se Creonte:

Não é justo dar ao homem de bem, tratamento igual ao do criminoso[180].

Creonte insiste na aplicação da lei. Antígona representa comportamento desviante, merecedor de punição:

Quem, por orgulho e arrogância, quebra violar a lei, e sobrepor-se aos que governam, nunca merecerá meus encômios[181].

E decreta a pena:

Levá-la-ei a um sítio deserto; e ali será encerrada, viva, em um túmulo subterrâneo, revestido de pedra, tendo diante de si o alimento suficiente para que a cidade não seja maculada pelo sacrilégio[182].

[176] VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga.** p. 8.

[177] KITTO, H. D. F. **Greek Tragedy.** p. 126. Tradução livre do autor: *It is inevitable that Antigone should disappear; but it is not inevitable that so little should be said in the exodus (...).*

[178] SÓFOCLES. **Antígona.** p. 123.

[179] SÓFOCLES. *Op. cit.*, p. 134.

[180] SÓFOCLES. *Op. cit.*, p. 141.

[181] SÓFOCLES. *Op. cit.*, p. 147

jovem se aninha do carinoso manto de Sófocles, e foge deixando para o escritor um pequeno manto de criança. Naturalmente, o caso causou grande rumor em Atenas, mês o regresso do escritor, ridículo com seu manto demasiadamente curto, não podia passar despercebido[1394].

A passagem conduz a outro delicado tema que informa a vida ateniense: o homossexualismo. Tratando o assunto sob viés exclusivamente comportamental, percebe-se:

Julgando-se pela pintura de vasos, os gregos também não pareciam ter tabus em matéria de vida sexual: relações hétero ou homossexuais nas posições mais variadas, sodomia, felação, masturbação, bestialismo são representados, principalmente entre 550 e 450[1395].

O homossexualismo é constante em escritos platônicos. O Banquete, texto sobre o amor, indica aspectos nesse sentido. É de Apolodoro a fala:

- Preparai-vos, pois, para representar belo drama de um belo[1396].

Ou, nas palavras do personagem Fedro:

- De fato, não conheço bem nada alto para um adolescente que a posse de um amante virtuoso, nem para um amante nada mais precioso que a escolha de um digno favorito[1397].

Ainda,

- Quero, pois, afirmar que, se um homem apaixonado por outrem, cometer uma ação má ou, por covardia, sofrer uma injúria sem revidar, sofrerá muito mais ao ver-se descoberto por seu amante do que por seu pai, seus amigos ou quem quer que seja. O mesmo se dá com o que é amado: surpreendido em falta, nunca o vemos corar tanto como quando em face de seu amante[1398].

Platão remete-nos à inusitada visão do homossexualismo no exército. Para o filósofo grego, é mais corajoso o soldado que combate ao lado do amado:

- A desertar o posto, ou largar as armas, aos olhos do amado, preferiria o amante ser antes visto pelo exército inteiro; e, para se poupar essa vergonha, correria antes ao encontro da morte. Quanto a abandonar seu favorito, deixá-lo ao desamparo na hora do perigo, não haveria homem algum, covarde, que o Amor não animasse de coragem, igualando-o ao mais valoroso[1399].

O problema ganha contornos de honra, na filosofia de Platão:

- Admitamos, de fato, nossas leis que, se um homem procura requestar um outro homem com o fim de, no seu coração, crescer em sabedoria e virtude, tal sedução voluntária e entrega não seja tida como desdouro ou ofensa. Para que seja nobre e belo, ele parte de um favorito, fazer concessões ao seu amante, cumpre aproximar as leis do amor das leis da filosofia e da virtude[1400].

[1394] SALLES, Catherine. *Op. cit.*, p.27.
[1395] MAFFRE, Jean-Jacques. **A vida na Grécia Clássica**, p. 87.
[1396] PLATÃO. **O Banquete**, p. 14.
[1397] PLATÃO. *Op. cit.*, p. 21.
[1398] PLATÃO. *Op. cit.*, p. 22.
[1399] PLATÃO. *Op. cit.*, loc. cit.
[1400] PLATÃO. *Op. cit.*, p. 30-31.

O filósofo da Academia justifica o amor entre homens:

Mas, se um macho vive mais a outro, desde antes lhes resultava a repugnância, eles, conhecido nas relações, procuravam entregar-se a outras formas de atividade. Nasceu aí o amor mútuo entre os homens, que se recorda; ao estado paradisíaco da natureza, unindo as metades e remediando doravante a fragilidade humana[1401].

No Banquete, Alcibíades tentou seduzir Sócrates, com quem passara a noite, sob um mesmo manto. A resistência de Sócrates, mais preocupado com temas da alma, será apropriada pela tradição ocidental, justificando o erotismo entre homens, como comportamento plausível, conquanto fio condutor do belo, do justo, do eterno. Autores de tradição vitoriana sempre passavam batido sobre a espinhosa questão, que foi recentemente revista por Foucault, sob ótica desconcertante. Para o filósofo francês, a preocupação dos gregos não dizia respeito ao desejo que podia levar à relação entre homens. Muito menos ao sujeito desse desejo. A inquietação centrava-se no objeto do prazer. O grego procurava ser senhor do prazer e ter com os outros o poder que ele exercia com ele mesmo[1402].

Escravidão, subordinação das mulheres, homossexualismo, eram temas que contemplavam o pensadio helênico. O grego considerava bárbaro todos os demais povos, arquitetando daí superioridade justificativa do cativeiro[1403], comportamento distante da imaginária cordialidade entre dominantes e dominados, como entre nós presumida pelo Gilberto Freyre[1404]. Tudo radicava na percepção do "outro", na criação do bárbaro, que radicava nas Guerras Médicas[1405]. A identidade grega fez-se à imagem da percepção das diferenças[1406]. Com base nessas premissas, Paul Cartledge põe em dúvida o fato de que a sociedade grega seria uma sociedade aberta[1407]. Enganando, pois, José Ribeiro Ferreira, para quem nenhuma democracia moderna, *por mais aberta e avançada que seja, congeda uma liberdade de expressão tão ampla como a que se vivia em Atenas*[1408]. Demonstrar o desacerto da opinião, há luz das sínteses sobre o ambiente político e jurídico dos atenienses é o último passo do livro, que se presta a desconstruir o legado romântico da Grécia clássica.

3.3 AMBIENTE POLÍTICO E JURÍDICO

A democracia e o respeito aos direitos do homem constituem a única moeda duradoura de evitar a violência e a guerra e de acender ao comércio e à prosperidade[1409]. A passagem é de Guy Verhofstadt, premiê belga, à época presidente

[1401] PLATÃO. *Op. cit.*, p. 42.
[1402] FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, v. 2, p. 198.
[1403] GOUVEIA, Maurício de. **História da Escravidão**, p. 12.
[1404] FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**.
[1405] FREEMAN, Charles. **The Greek Achievement**, p. 171 e s.
[1406] ABBATI, Alberto. **I Greci e Il Mondo Antico**, p. 35 e s.
[1407] CARTLEDGE, Paul. **The Greeks**, p. 182.
[1408] FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia Antiga**, p. 130.
[1409] VERHOFSTADT, Guy. Carta Aberta aos Antimundialistas, artigo, in **Folha de São Paulo**, 2001.